

# O IMPARCIAL

ANNO I

Florianopolis, 5 de Junho de 1916.

ORGÃO INDEPENDENTE — Estado de Santa Catharina — PUBLICAÇÃO QUINZENAL.

N. 13

Expediente d' "O IMPARCIAL"

Redactor- A. C. Gonçalves

— Assignaturas —

Anno. . . . . 2\$500

Semestre. . . . . 1\$500

Numero avulso . . . \$100

Toda correspondencia para este jornal deverá ser endereçada á «Redacção d' O Imparcial. — Posta Restante. — Florianopolis».

## 24 DE MAIO

Revestiram-se de extraordinario brilhantismo, nesta capital, as festas commemorativas da batalha de Tuyuty.

A's 14 horas formaram, na praça General Osorio, o 54 Batalhão de Caçadores, o Regimento de Segurança e o Tiro 40.

Nessa occasião juraram bandeira oito associados do brioso Tiro 40 e foi effectuada a entrega dos premios aos vencedores do raid militar individual de 13 de Maio, no qual foi classificado em 1º. lugar o nosso favorecedor Sr. Thomaz Corrêa Savedra, official inferior do Regimento.

Em seguida as forças desfilaram por diversas ruas, vindo postar-se á praça 15 de Novembro, em frente do monumento em honra aos catharinenses mortos na campanha contra o Paraguay.

Junto ao monumento se achavam veteranos da guerra, um dos quaes empunhava a bandeira do valoroso 25º. Batalhão de Voluntarios.

Após as continencias de es-

tylo, as forças regressaram aos quartéis.

A's 17 horas realizou-se imponente romaria ao tumulo do inolvidavel marechal Guilherme Xavier de Souza, um dos heroes de Tuyuty, levada a effecto pelo Centro Civico—Litterario, que com entusiasmo abraçou a louvavel idéa da apreciada revista «O Olho».

Na patriótica homenagem á memoria do bravo catharinense tomaram parte o Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, representado pelo Sr. Capitão Godofredo Oliveira, altas autoridades civis e militares, collegios, associações, tres bandas musicas, Tiro 40 e consideravel massa popular.

No cemiterio publico, junto ao tumulo do heroe, usaram da palavra, proferindo vibrantes e patrióticos discursos os nossos illustrados conterraneos coronel Salles Brazil e major Pedro Tau-lois.

A' noite, o Centro Civico—Litterario realizou, em sua sede social, á rua Jeronymo Coelho, uma magnifica sessão, presidida pelo Sr. Dr. Fulvio Aducci, digno secretario geral do Estado, na qual, em entusiasticos e applaudidos discursos, se fizeram ouvir os Srs. Laercio Caldeira, presidente do Centro, coronel Salles Baazil, Dr. Tancredo Costa e Oswaldo Mello.

Falou tambem o nosso redactor, que produziu a seguinte oração :

Exmas. senhoras.

Meus senhores.

«Grande povo! Grande povo! exclamou Pedro II, o inolvidavel patriota quando teve conhe-

cimento que havia sido abolido o molido e ptiveiro na terra bendita de Santa Cruz.

E bem merece o qualificativo de grande o povo que, em cinco annos de lucta em defesa da dignidade ultrajada, deu sempre as mais eloquentes provas de bravura e humanidade e que terminou a memoravel jornada libertando do jugo de um tyranno uma nação de valentes.

Oh! Patria querida! Esquece as angustias que te opprimem e rejubila-te orgulhosa dos louros colhidos nos tempos passados, certa de que brilhante será o teu futuro.

O nunca desmentido patriotismo de teus filhos, ainda agora evidenciado pelo entusiasmo com que festejam esta notavel data de tua historia, expellindo de teu seio os elementos máos fará com que sejas forte e respeitada.

E neste dia, tão caro a todos nós, com fervor te saúdo e, relembrando as glorias do teu passado, contigo brado :

Salve 24 de Maio!

Solano Lopes, o carrasco da propria patria, dominado pela sede do mando e da supremacia, depois de ter organizado um exercito de 80.000 homens e de haver fortificado varios pontos do paiz, atirou o cartel de desafio ao Imperio Brasileiro.

Nossa patria, desprevenida para a guerra, appellou para o valor e civismo de seus filhos, que correram a cumprir o seu dever.

Partiram para a campanha e lá souberam, com heroismo, desaffrontar a honra nacional,

fazendo o despota pagar com a vida sua desmedida ambição.

De victoria em victoria, o exercito brasileiro teve a gloria de dominar totalmente o territorio inimigo.

Entre os importantes triumphos alcançados pelas armas nacionaes, merece especial menção o que hoje commemoramos, pois a batalha de Tuyuty, a maior que tem ensanguentado o solo sul-americano, «malferida,—diz um escriptor,—quando menos os generaes esperavam, posta em ordem no momento supremo da aggressão, contrariou os recursos do inimigo, que operava em terreno de seu completo conhecimento».

Habil em surpresas, Lopes, o dictador, julgava certo o aniquilamento dos alliados, em numero de 28.000 homens, dos quaes mais de dois terços eram brasileiros.

Tremenda, porém, foi a derrota dos submissos escravos do El-Supremo, que na, verdade, mostrou ingenuidade em não reflectir que, superior á brusca aggressão e ás difficuldades do terreno, era o valor do immortal Osorio, que alli se achava commandando homens livres e sendo como auxiliares uma pleiade de valentes guerreiros, entre os quaes, para honra nossa, Guilherme Xavier de Souza, a quem a patria deve o inestimavel serviço da reorganisação do seu exercito, em Assumpção.

Justo, portanto, é o nosso orgulho em havermos nascido no mesmo paiz em que nasceram os heroes de Tuyuty

Este e muito outros feitos das armas nacionaes elevaram bem alto o nome brasileiro.

A batalha do Riachuelo, a passagem de Humaytá, as victorias de Avahy, Itororó, Lomas Valentinas e, sobretudo, Tuyuty, são feitos que honrariam a historia de qualquer paiz da velha Europa.

Os nomes de Barroso, Tamandaré, Inhaúma, Caxias, Osorio, Andrade Neves e de outros

illustres chefes e bravos officiaes, perdurarão eternamente como exemplos de amor patrio dignos de imitação.

E nós, catharinenses, devemos nos sentir satisfeitos, por vermos que ao lado dos nomes que acabo de citar, entre aquelles que mais se distinguiram, temos os de muitos conterraneos nossos.

Guilherme Xavier de Souza, o denodado a que me referi; Jacintho Machado de Bittencourt, o heroe de Lomas Valentinas; Fernando Machado, o martyr de Itororó, bravo entre os bravos, o melhor official de infantaria que tomou parte na campanha; Torres e Alvim, mais tarde almirante e barão de Iguatemy o mais destemido explorador do rio Paraná; Tenente Silveira, morto na catastrophe do Tamandaré e cujas ultimas palavras foram uma prece á Virgem Santissima pela victoria da patria.

Mas... porque ir além? Longa é a lista dos filhos d'esta terra, que se mostraram dignos descendentes dos legendarios «Barrigas Verde».

E na lucta ingente da civilisação contra a barbaria, grande foi o numero de brasileiros que tomaram em holocausto no altar da Patria, que, agradecida, não esquece seus nomes e a posteridade jamais deixa de prestar homenagens á memoria d'aquelles que morrem no cumprimento do dever.

Oh! Patria abençoada, berço de tantos heroes! Mais uma vez te saúdo e respito: confia no futuro, pois se, algum dia, estrangeiro ousado pretender ultrajar-te, teus filhos acudirão pressurosos ao teu chamado e, como na campanha de 65 a 70, com seu sangue generoso dar-te-ão triumphos e glorias, felicidade e grandeza!

Salve 24 de Maio!

Como se vê, foi condignamente festejada em nossa terra o anniversario da memoravel

batalha que tanto elevou as tradições de bravura do soldado brasileiro.

O nosso povo, secundando os esforços do Centro Civico—Literario, demonstrou, mais uma vez, seus sentimentos patrioticos, desmentindo assim o máo juizo que d'elle faz o pessimista autor das «Impressões Semanaes», d'«O Olho».

## O Morto

Resupino, rijo, rijo como uma lousa marmorea de catacumba, com as mãos no peito, olhos sem brilho, vejo-o no caixão, entremeado da luz zargunchante, tremula, dos cirios collocados em quatro grandes castiças, e á cabeceira, como fitando a scena lacrimosa, num altar improvisado, está Christo, mudo, crucificado n'uma cruz cunhada em prata.

Fóra, ferindo o espaço, o sineiro badalando, do alto d'uma vetusta torre, proclama aos ouvidos dos viventes a quéda dum corpo, o desaparecimento dum comparsa, ferido na batalha igualavel da vida.

De vez em quando, na sala, um gemido cavo e dolorido fere a atm sphaera, e os espectadores, transidos ante á dôr, não murmuram um monosyllabo, como se, tal fizessem, perturbassem o somno, o somno eterno do Morto; entreolham-se, aprumam de instante a instante a vista para a porta da entrada como se estivessem esperando alguém, alguém que tarda... E o morto continúa sereno, nada perturba-o, enquanto o gelo o vae, cada vez mais, enrigecendo seus membros, inactivos que se tornaram com a morte...

No interior da casa, choramingando, sem que ninguém se importe, tal o estado de tristeza que avassalla todos os corações, um petiz, rachítico, com os olhos saltitantes das orbitas, pallido,

mo a Sodoma que o «velho testamento» nos mostra.

A crise financeira avassala o mundo inteiro, obrigando-o a encarar o futuro como menos risonho e pouco bello.

Já não se fala em paz, porque, fazel-o, é considerado um signal de fraqueza, que os belligerantes não perdoam.

Tudo, pois, inspira o maior temor, tudo faz crêr um máo porvir, uma brutal luta, ao terminar a destruição do mundo pelo homem.

E, em verdade, causa horror o lembrar-se a gente da inutilidade e até prejuizo dessa grande devastação, ao ver que o futuro será de trabalho, trabalho pesado para reconstituir o destruido, para refazer o ~~ac~~feito.

E não é pouco.

Porque si o trabalho, muitas vezes, dá prazer e felicidade, si o labutar muitas vezes é exercido com risos e cantos, vezes ha, tambem, em que o desanimo completo e terribilissimo o acompanha, tornando o mais duro, mais penoso.

E justamente porque assim é, a reconstrucção do destruido por esta hecatombe humana terá o seu cadinho de dôr.

E porque?

Porque o constuctor terá de ser, por força, o destruidor d'outrora...

Dahi, o remorso do passado; dahi, a vergonha do seu acto, isto é, o arrependimento, durante algum tempo abafado a custo, não sabemos porque, ao despertar do seu orgulho.

E, nesse caso, será o trabalho imposto pela consciencia, e a destruição accusada pelo phantasma do remorso.

Por isso, o momento é terrivel e inspira uma luta maior, mais dura, mais dolorosa que a do aço contra a carne humana.

A luta do futuro, segundo pensamos, será, comtudo, muito mais nobre, porque não fará esperar mais desolação, uma vez que é o alevantamento da cultura—não queremos dizer

decahida—esquecida ou abandonada

Mas, afinal, que é a guerra? Qual o seu fim? D'onde vem a que nos leva?

Não o saberemos responder, com acerto, isto é, não queremos garantir a efficacia do nosso modo de pensar; é—nós, porém dado dizer o que temos concluido das nossas reflexões,

A guerra tornou-se necessaria.

—E porque?—perguntará algum pacifista exaltado que deseje tirar-nos de nossa ignorancia.

Porque, — responderemos, si a dor prejudica um corpo physico, tambem aperfeiçoa um corpo moral. E disso, concluímos nós, a necessidade do nosso aperfeçoamento pelas torturas dessa conflagração, que nos dá o exemplo mais patente, no abatimento completo e desastroso, dum orgulho de poder como jamais existiu.

E quem poderá negar que esta borrasca seja destinada a humidecer e preparar a terra onde deverá ser semeada a arvore da Fraternidade?

Emfim, esperemos...

*Gustavo Neves.*

## Infeliz humanidade!

De ha muito, estão preocupando a attenção de todos os acontecimentos extraordinarios que vêm quebrando a aurea paz outr'ora gozada pela velha Europa, que caminhava, a passos gigantescos, para o desenvolvimento material, intellectual e progressista, de par em par, pelo modo mais acurado.

Refiro-me à terrivel guerra, a esse incomparavel vulcão europeu que ameaça abrir todas as suas crateras para, nos jorros formidaveis de seu fogo, fumo e lavas, attingir todo o mundo, reduzindo-o a chammias de um a outro extremo!

Estudemos, pois, a conse-

quencia d'essa monstruosidade; meditemos um pouco sobre uma pequena parcella que tenuemente, mas, por nossa infelicidade, podesse legar-nos o tempo; analysemos, finalmente, a sua bediondez, e chegaremos ao necessario surto, isto é chegaremos á palpavel conclusão de que a origem principal d'essa catastrophe mundial é a «inveja» que, sobre o ponto de vista é asquerosa,—e, sobre o moral, é iniqua e funesta.

A ella se junta uma outra falsa presumpção da humanidade para, reforçando-a, arrastal-a ás mais ignominiosas praticas: é o «orgulho», a fatuidade do seu «eu».

Triste condição da humanidade!...

Julgar um homem, ou meia duzia d'elles, que o mundo deve sómente lhes pertencer, é simplesmente irrisorio, contristador e degradante!

Assim o «eu» deixa com a maxima facilidade essas viboras penetrarem e dominar seus corações, muitas vezes benignos e que por ellas influenciados tornam-se rebeldes e querem á viva força supplantar, extinguir da face da terra aquelles que presumem lhes prejudicar em qualquer ramo da actividade humana, e para isso não poupam esforços; lançam mão do pobre soldado e de todos os subditos, e, arrogantemente dizem: «Marche,—ou vencemos ou morremos.»

Mas, se no decorrer de uma batalha, um desses arrojados comparecesse e estudasse com a devida calma e, em nome do sangue das victimas e do negro quadro da Orphandade e da Viuvez com todo o seu cortejo de dores e miserias, producto do tal seu «eu», e tivesse a suprema felicidade de compenetrar-se, por certo diria:

«Sou um desgraçado ante essa horrenda scena;» porém, isso jamais se dará. E' preciso vencer ou morer, e assim queimam-se templos e lares, cidades, e aldeias

inconsciente da scena, da desgraça que lhe acontecera, pede uma particula de pão, reclama-da pelo estomago, esvasiado por uma longa noite sem descanso, passada ao lado do morto.

E o filhinno ignora que a fatalidade o attingira, certa, bruscamente, em plena florescencia da vida, roubando-lhe o pae, o ganha-pão diario.

Uma aragem fria, entrando pela janella, casa-se com o cheiro derretido dos cirios, fazendo uma nuvem esfumarada circumvagar no espaço, a qual, cortada por moscas esvoaçantes, reflete raios tenuissimos.

O som monotono e triste de bronze secular, de instante a instante repercutindo, dá a entender aos assistentes que a scena breve terá o epilogo.

O petiz, sempre descuidado, apparece á sala, aproxima-se dos cirios, tacteia ante a scena extranha que vê e ficando nas pontinhas dos pés estica o finissimo pescoço, procurando vêr o que contem o caixão: sabe que é uma pessoa pelas botinas que divisa de relance, e de vez em quando esboça um sorriso interrogativo, procurando indagar a razão daquelle silencio sepulchral, cousa a elle muito extranha...

Uma velhinha, entendedora, uma technica dessas scenas commoventes, movida pela piedade, aconchegando-se vagarosamente do pequeno, a custo, falha de forças phisicas, vascillante pela idade a que chegara, consegue pegal-o no collo para elle ver quem dorme dentro d'aquelle caixão preto.

Esmerilhando sorrateiramente, a creança simplesmente exclama:—«E' papae», e um beijo furtivo depõe nas faces do cadaver, emquanto do outro lado a tampa se aproxima lentamente, esperando por alguém que se despede do morto... É a boa velhinha, absorta, fitando os seus cançados olhos na creança, murmura silenciosamente, emquanto uma lagrima cabe ao

solo:—«Pobre creança, o teu pae sumiu-se na voragem da morte... não tens pae, infeliz, infeliz, és orphão.»—e os soluços lhe embargaram a voz.

Quatro homens de aspecto sombrio, silenciosos, pegando ás alças do caixão, partiram levando o morto com destino á eterna morada do *Requiescat in pace*.

E o filhinno, — misero embrião que nascera com a estrela da fatalidade, — teria pão no dia seguinte?... — «Papae, papae, dae-me pão», e, correndo, encontrava á cabeceira da mesa um homem partindo para elle uma fatia de pão; mas agora... o logar estava deserto, falho e vasio...

ALMEIDA COELHO

## ESPIRITISMO

Será o espiritismo uma creança unicamente para os espiritos fortes?

Eis um caso que merece bem a nossa attenção. Obdecendo ao principio estabelecido no artigo anterior, vimos ainda desta vez provar *com factos* quanto é pernicioso o espiritismo. O que se segue passou-se entre pessoas muito conhecidas no nosso meio social e por este motivo resolvemos occultar-lhes os nomes que só publicaremos em ultimo caso e ainda assim com o consentimento das mesmas pessoas. A senhorita C; que é uma excellente catholica e uma exemplar filha de Maria, costuma visitar amiudadas vezes o seu digno progenitor, o sr. O., a cujo serviço acha-se um tal A, que é dado a pratica do espiritismo. Até aqui nada mais natural do que uma boa filha visitar o seu extremoso pae, a quem está ligada por tantos e tantos laços. O que, porem, é fóra do commum é que o tal A, talvez aconselhado por algum *irmão do espaço*, deixou-se convencer que a referida senhorita devia tornar-se uma adepta das

doutrinas de Allan Kardec. As suas repetidas supplicas foram, porém, sempre repellidas com desprezo. D'ahi a grande excitação nervosa do infeliz A, que não pode mais supportar com calma a presença d'aquelle que sempre soube com dignidade manter-se firme na sua fé. E a tal ponto chegou o *nervosismo* do homem que certa vez, sendo notado pela referida senhorita e suppondo esta tratar-se de um ataque ou cousa semelhante, clamou por soccorro. Qual, porém, não foi o seu espanto, quando o devoto espirita, longe de lhe agradecer os bons serviços, experba-lhe acrememente o seu proceder, accusando-a como a causadora dos seus soffrimentos, pela incredulidade, que manifesta, no espiritismo. Claro está que ainda desta vez o homem perdeu o latim e a conversão da *renitente* não se fez. Contado este facto a um confrade do pobre A, foi pelo mesmo explicado o caso: tratava-se de um espirito fraco.

Assim sendo, quem se julgará com o espirito bastante forte para se aventurar no labirinthico espiritismo, onde a pobre razão humana, tão sujeita ao erro, é o unico arbitro, a unica autoridade capaz de resolver os intrincados problemas que elle apresenta?

Mosquito.

## O MOMENTO

E' terrivel e angustioso.

As difficuldades de vida trazem aos homens momentos pouco felizes que os acabrunham e impressionam.

A guerra, acompanhada das naturaes e proprias consequencias, — a miseria, a desgraça, a ruína, etc., etc., — continúa a devastar a velha Europa, cuja prosperidade enorme era admirada por todas as outras partes do mundo.

As suas chammas devoram cidades inteiras, tornando-as co-

as, sem piedade, sem amor e sem justiça!...

Porém, o imprevisito que tem seu forte imperio e que, como a morte, não dispensa ás suas attribuições, linhou-lhes já o marco de seus limites, e o «eu» é jogado a um canto qualquer da terra, se é que também um dia não vá servir de pasto as feras e corvos!

Contentemo-nos, pois, com o que nos couber por sorte e jamais sejamos invejosos e orgulhosos porque a consequencia é a desgraça, algumas vezes de um, — mas outras de milhares e milhares como no caso vertente em que a furia dos homens parece mais poderosa que a propria morte. X.

«Uma sociedade muito querida do nosso povo não quiz aceitar como socios diversos moços simplesmente por serem de cor.» — Foi este o boato propalado ha dias, nesta capital, e que julgamos não ter fundamento. A respeito, porém, estamos colhendo informações seguras e no proximo numero faremos os devidos commentarios.

## NOBRE MISSÃO

Li, ha dias, no bem redigido vespertino «A Opinião», uma ligeira noticia de que o illustre militar major dr. Pedro Taulois e seus filhos, visitaram, a 12 do mez p. p., o tumulo do saudoso Conselheiro Mafra, e alli depositaram flores, lembrando a passagem do IX anniversario de seu fallecimento.

Aquella noticia sensibilizou minha alma de moço, encheu-me o coração de contentamento; senti-me verdadeiramente feliz por encontrar, em fim, nesta terra que me serviu de berço, uma alma generosa que, compenetrando-se do sagrado dever de gratidão, não esqueceu a memoria do saudoso catharinense que consa-

grou grande parte de sua vida na defesa dos sagrados direitos de sua terra; que succumbiu enfraquecido pelas fadigas da batalha em prol do mais sagrado de nossos ideaes; e que perdeu noites inteiras, cabisbaixo, estudando, procurando nos livros os meios de combater a ganancia dos nossos visinhos, demonstrando-os á luz clarividente da verdade.

Sensibilizou minh'alma, de catharinense e todos os meus conterraneos, ao depararem com aquella noticia, reconheceram, por certo, que não fizeram bem deixando no olvido aquelle dia, em que todos tinham por dever desfolharem petalas de flores sobre o tumulo do illustre morto

A missão do distincto militar foi muito digna, muito nobre. Venerar a memoria dos que morreram pelo nosso bem, homenageal-a, é um dever que ninguem deveria esquecer

Oh! que allivio immenso, que satisfação enorme não experimentou a alma d'aquelle bondoso velhinho, ouvindo o illustre militar dizer aos seus filhinhos estremecidos — «Vede, meus filhos, aqui repouzam os santos restos de um dos vultos mais proeminentes de nossa historia... Elle foi grande e grande será a sua memoria, porque elle foi um strenuo luctador, escudado na Justiça, em prol de nossos direitos...»

Esqueçamos de tudo, mas o que não devemos esquecer, o que não devemos deixar é de venerar a memoria d'aquelles que nos foram caros.

Conselheiro Mafra deve viver sempre na memoria de todos os catharinenses. E a nossa mocidade, em vez de empregar o seu tempo em cousas futeis, deve encher-se de amor pela nossa tradição, e venerar a memoria d'aquelles que souberam elevar bem alto o nome de nossa terra.

Que a lição recebida este anno faça com que no vindouro a lapide tumular do illustre morto seja coberta de flores, desfolhadas com fervor pelas mãos da mocidade florianopolitana.

Ildefonso JUVENAL

**ANNIVERSARIO.** — A 24 do mez findo festejou seu anniversario natalicio a Exma. Snra. D. Maria Augusta de Cerqueira Conceição, esposa do nosso conterraneo Sr. Cel. Francisco de Borja Conceição.

A virtuosa senhora nasceu, nesta capital, justamente no dia em que o então tenente Conceição, com quem veio a consorciar-se, tomava parte na memoravel batalha de Tuyuty.

Nossas felicitações.

Conсорciaram-se, em Porto Alegre, em Maio ultimo, as gentis senhoritas Mariana e Marina, queridas filhas do nosso illustre conterraneo sr. Capitão de mar e guerra Francisco Agostinho de Souza e Mello.

Parabens.

Festejou hontem seu anniversario natalicio o Sr. Antonio Quirino Alves dos Santos, funcionario postal.

Ao joven anniversariante, a quem «O Imparcial» deve assinalados serviços, apresentamos nossos cumprimentos.

## Atrevimento

O presidente do Club 5 de Novembro, do Estreito, teve o atrevimento de vedar o ingresso na séde d'aquella sociedade, quando alli se realizou um baile, no mez passado, a diversos socios do Tiro, declarando que «gente fardada» não podia entrar.

Contra o impatriotico procedimento d'esse individuo, que ignora que na «gente fardada» temos os defensores da patria, lavramos o nosso vehemente protesto.

## SONETO

A Noite, o manto de viuva esgalga  
Que sobre a Terra apathica fluctua.  
A alma de Eólo, pela estrada nua,  
Sobre o ginete de um tufão cavalga...

Redonda e branca, o firmamento galga  
Em subtil ascensão, a Deusa—Lua  
Que, orgulhosa, talvez, da graça sua,  
Ostenta uns nobres ares de tialga.

Longe, marulha, em convulsivas ondas,  
O Mar que á Praia gelida e dormente  
Oscula as fôrmas alvas e redondas.

E desta noite sob o luar albente,  
Lenbro as Phrinês, as Saphos, as Giocondas...  
Desço do Sonho o barathro silente !...

*Archimimo Lapagesse.*



## VINGANÇA ! ..

Hontem, com magua e dôr lembras-te agora?  
Eras moça, eras rica, eras formosa.  
Passavas junto a mim, perdão Senhora !...  
Indifferente, altiva, desdenhosa.

Mas qual rijo tufão que, espaço afóra,  
Leva comsigo as petalas da rosa,  
Assim teu brilho e esplendor de out'ora  
A desgraça levou, mulher vaidosa.

Hoje vejo-te pobre, envelhecida,  
Maldizendo a existencia, a negra vida,  
Maldizendo o presente amargurado

E então ao ver-te assim, digo contente:  
Já não passas por mim indifferente,  
Altiva e desdenhosa. Estou vingado !...

Cannasvieira, Maio de 1916

*Geraldino Azevedo.*

## PEROLAS AMARGAS

Quantas lagrimas brotaram de alegrias!  
Quantos jubilos nasceram de agonias!

(E. de Castilho)

Hoje que é roto o peregrino laço,  
Que ao teu coração o meu unira,  
Sinto-me desfallecido, fraco e lasso  
Mas canto assim a dedilhar a lyra:

Em noites de luar, quando suspira  
A brisa doce e meiga pelo espaço  
Tu és a lua que s'espelha e mira  
Do lago crystallino no regaço...

—Eu sou um cysne olhando duas vidas,  
Que se consomem n'ancia e no desgosto;  
Que no abysmo da dôr jazem sentidas.

Este lago é de perolas composto !  
Estas per'las são lagrimas doridas  
Rolando sobre as rosas de teu rosto !...

*João Melchiades de Souza.*

Fpolis, 5-16



## Esperança Morta

A' gentil senhorinha Othilia

Neste soífrer que me acabrunha e mata,  
E aos poucos rouba a unica esperança,  
Nos ultimos acordes da sonata  
Meu peito canta e de cantar não cansa.

E neste mar tempestuoso —a Vida,  
Eu vou singrando em meu batel —a Crença,  
Tendo em minh'alma, triste e dolorida,  
A cicatriz de uma ferida immensa !

E vou buscando o porto da Desgraça,  
Libando sempre o fêl da negra taça,  
Emquanto a dôr em mihas veias corre !...

Como é tristonho ver-se um ente em pranto  
Nos ultimos acordes do seu canto,  
Dando adeus á esperança que lhe morre !

*Nicolau Nagib Nahas.*

14-5-916